

O CANGACEIRO E O SAMURAI
ARGUMENTO - 1985

ado

Pau-

ada

s

nu-

t

,

v

a

ois

n-

a e

a

,

la

oe-

v

-

ues, rápida ambientação dos nipônicos na vida rural nordestina,

O CANGACEIRO E O SAMURAI

Argumento Cinematográfico
de Geraldo Santos Pereira

S i n o p s e

1. Após receber, como pagamento de dívida, uma fazenda de gado no interior da Bahia, o fazendeiro japonês Massao Takeda deixou São Paulo, onde residia com a mulher, e foi radicar-se naquela região dominada pelas caatingas e, na década de 30, flagelada por violentas incursões dos bandos armados de cangaceiros.

Morrendo-lhe a esposa, Kimie, Massao Takeda, vendo-se só numa região áspera e bela, chama do Japão o sobrinho Kyoshiro Takeda, a quem desejava fazer herdeiro dos bens.

Kyoshiro, recém-casado com a jovem e bela Sayuri, embarca, em companhia da esposa e da mãe, viúva, chegando por volta de 1935 ao porto de Salvador, trazendo, entre outros pertences, uma arca antiga a que dedica cuidados especiais.

Recebido pelo tio, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari rumam depois para a vasta propriedade rural, no sertão baiano, conhecida por "Fazenda do Japonês".

2. A chegada dos parentes japoneses e, especialmente, da bela e fascinante Sayuri, traz alegria ao velho Massao, despertando-lhe, pela semelhança que a moça tem com sua falecida esposa, reminiscências que, com o correr do tempo, se transformam em inquietante admiração.

Conjuntamente com Massao, também Antônio Garcia, capataz da propriedade, homem rude, calado e másculo, é fortemente atraído pela beleza exótica e delicada da linda japonesinha.

A fazenda, agora sob o impulso da juventude, a dedicação e a competência de Kyoshiro Takeda, prospera e permite, sem grandes dificuldades, rápida ambientação dos nipônicos na vida rural nordestina,

gerando o confronto e a mistura de duas ricas e antagônicas culturas e civilizações populares.

Enquanto, por exemplo, a família japonesa comemora, no interior da casa-grande, o "Tanabata-Matsuri", os baianos, para retribuírem a gentileza dos patrões, que lhes haviam distribuído doces e guloseimas, de praxe na festa, realizam, no galpão da fazenda, uma ruidosa e impressionante demonstração de Candomblé, no qual, vestido de Ogün, se destaca Antônio Garcia.

As duas festas, alternando ritmos, melodias, cantos e danças na quente noite sertaneja, exaltam o misticismo de duas raças e, na narrativa do filme, agravam o antagonismo que, desde algum tempo, se aprofunda em Kyoshiro e Garcia, causado pela íntima e calada admiração que o baiano dedica a Sayuri.

3. Certa noite, na ausência de Kyoshiro, em viagem de negócio, o velho Massao e Sayuri, envolvidos pelo fascínio da noite do sertão, vão à varanda e recordam a pátria distante. Massao, transportado para o passado e vendo, pouco a pouco, a linda Sayuri transmutar-se em Kimie, quando era jovem, caminha em sua direção, dominado pelo desejo e a fascinação. Mas, em tempo, desperta da reminiscência perigosa e, alquebrado pelo remorso, o desalento e a humilhação, fecha-se depois em seu quarto e se mata.

Assumindo, com a morte do tio, a propriedade da fazenda, o primeiro gesto de Kyoshiro é despedir o antigo capataz que, montado em seu cavalo, se afasta, certa manhã, da terra onde viveu muitos anos.

Mais além, à beira da estrada de terra, Garcia depara com um cangaceiro ferido, que pede socorro. Vai ajudá-lo. Antes de morrer, o bandoleiro lhe pede para avisar a família, em Manga Rosa, dando ciência de sua morte ao chefe do bando, Aparício Meireles, famoso em todo o Nordeste, vagando pelos lados da Chapada da Ema.

Antônio Garcia, ao chegar, mais tarde, a Manga Rosa, cumprindo o prometido e levando, inocentemente, o fuzil, a cartucheira e alguns pertences do cangaceiro morto, é violentamente agarrado por soldados do destacamento local e, aos berros e safanões, confundido como homem do cangaço e jogado brutalmente na cela da prisão.

Espancado e humilhado, guardando um ódio surdo e impo-

tente, o baiano, dias depois, consegue escapar e sai à procura do bando de cangaceiros, ao qual se junta, definitivamente, iniciando nova fase de sua vida.

Enquanto isto, na Fazenda do Japonês, a terra se cobre de novos cultivos, o gado e as criações se ampliam, com a propriedade prosperando sob a direção firme de Kyoshiro Takeda.

4. Certo dia, na ausência de Kyoshiro, em viagem à capital, para a aquisição de equipamentos, a fazenda fica sob os cuidados do novo capataz, Pedro Roque.

É quando, inopinadamente, chega, trazendo pânico, o bando de cangaceiros, agora sob a chefia de Antônio Garcia, que assumira o comando com a morte, em batalha com a polícia, de Aparício Meireles.

Liquidando, em pouco tempo, a resistência de alguns empregados, Garcia invade a casa-grande e vai ao encontro de Sayuri. Quando um de seus homens, ao ver a mãe de Kyoshiro empunhando perigosamente um punhal, abate-a com certeiro tiro, Sayuri desfalece. Garcia ^{se} ampara e, depois, ^{vai} apanha, no armário, ^o um belo e vistoso traje que ^{trazido} a moça trouxera do Japão e que ^{tanta} grande admiração lhe provocou. Carrega-a nos braços e ^{chega} ganha o terreiro da fazenda, pedindo a Pedro Roque, antes de partir, para ^{informar} dizer ao japonês que ^{viera} voltara para buscar a ^{Sayuri} moça.

Depois esporeia o cavalo ^{se} e afasta, levando, no selim, a japonesinha aterrorizada.

5. Regressando de viagem, Kyoshiro depara com o quadro trágico: morta a mãe e raptada a esposa. Fechado em ^{calado} seu ódio, e ^{auto de fé} mutismo, o japonês manda preparar um animal e, ^{trazido} vai buscar, no interior da casa, a velha canastra que ^{trouxe} trouxera do Japão.

Depois parte, só, ^{seu} sem arma de fogo, iniciando uma longa ^{e patética} dramática e movimentada perseguição que atravessa o sertão da Bahia e o ^{distrito} território da ^{h. de h. n.} vários Estados do Nordeste.

Enquanto isto, prisioneira indefesa do bando, Sayuri é uma figura ~~insólita~~ ^e frágil e delicada que Antônio Garcia respeita, ^{Pedro Roque} e ~~im~~ põe respeito, mas a quem, vez e outra, ^{que fica, imo, sempre a contemplar.} obriga a vestir o exótico quimono japonês, limitando-se a contemplá-la, fascinado.

Kyoshiro, pertinaz, inflexível, ^{embora} segue em seu encalço, ^{André e Perceção} furando o sertão e despertando a curiosidade dos nordestinos que, ^{aos poucos} aos poucos

~~es~~, ~~lhe vão indicando a pista dos bandidos.~~ ^{das festas do bando a compõem.}

Ferido numa refrega com ~~os~~ soldados de ~~Governo~~, Antônio Garcia desfalece e, quando volta a si, ^{se vê só}, num canto do mato. ^{ouve muitas} pouco depois ~~ouve~~ os passos de Sayuri que, em lugar de escapar, aproveitando o momento propício, ^{permanece} ficara a seu lado, ^{trata de o ferido} para tratar o ferimento. ^{Mais tarde}, convalescendo num lugarejo distante, que o bando, reagrupado, toma de assalto, a japonesinha, trazendo comida, é atraída pelo ex-capataz que a toma nos braços, abrasado de amor. Fora, no fim do arruado miserável, a silhueta de Kyoshiro Takeda ^{projeta-se} se destaca na noite clara. O japonês, seguindo as pegadas dos cangaceiros, encontrara finalmente, seus terríveis inimigos e espera, ^{o momento} pacientemente, para atacar ^{o momento} no instante adequado.

6. Esse instante, efetivamente, ^{pouco depois} ocorre ^{retirados} mais tarde, quando o bando faz pouso, com mulheres de um vilarejo, num recanto protegido da caatinga.

Kyoshiro chega ^{pouco depois} também ao esconderijo e, ^{oculta} pelas árvores, prepara-se para o ataque. Antes, contudo, ^{retira} a canastra da anca do cavalo, deposita-a no chão e abre ^{luz do luar}, em seu interior, além de um velho traje japonês, ^{refulge}, sinistra, ^{uma espada samurai}. Kyoshiro tira do corpo ^o traje nordestino, veste o quimono típico dos guerreiros samurais. ^{Depois} prende os cabelos à maneira nipônica, faz preces.

^{Em seguida}, calmo, impressionante, ^{encarnando} a figura mitológica, ^{vai espiar} o bando que, num grotão, se diverte com as mulheres, ^{joga a capoeira}, dança e bebe cachaça.

Eis quando, ^{inopinadamente}, brandindo a espada, num salto prodigioso do alto da colina, o vulto fantástico de Kyoshiro Takeda ^{se} arroja no centro do valhacouto, soltando terrível brado de guerra. Tocando o ^{chão}, o japonês, ^{agora} ^{um} samurai, avança como raio mortífero sobre os cangaceiros estupefatos, e ^{que não têm} tempo para se defender, intoxicados de cachaça, a cara bestificada pelo espanto.

O japonês ^{arremete-se} contra ^{elas}, fere seu corpo, sua carne, ^{lançando-as} no chão, entre ^{peças} de sangue. ^{Quando}, chegando ao local em companhia de Sayuri, Antônio

Garcia avista a figura espantosa do japonês. ^{Em punha um} empunhando comprido facão, ^{de aproximação} vai ao seu encontro para o duelo de morte.

Os dois caminham ^{de aproximação} um contra o outro, fitam-se nos olhos, medem forças, espada contra punhal, samurai contra cangaceiro, homem contra homem, ^{para decidir} decidindo um destino de ódio e vingança.

De repente, as mãos sustendo a espada, Kyoshiro ^{se lte} arremete para a frente, pronto para golpear. Mas Garcia, num átimo, desvia o corpo e ^{também} também ergue o facão.

O terrível duelo estala, sinistro, ecoando no acampamento juncado de cadáveres, tendo somente Sayuri como frágil espectadora.

O ferro e o aço se ^{entre} chocam, enquanto, na trilha sonora, ^{misturam-se} confundem-se e se aceleram sons e ritmos do Brasil e do Japão.

Kyoshiro, com a ^{destreza} destreza dos samurais, é mais rápido e, de repente, golpeia mortalmente o ^{Antônio Garcia} ex-capataz. Garcia, com um berro, ferido no peito, vacila, deixa cair o punhal, o sangue jorrando do talho profundo. E cai de joelhos, gemendo.

O samurai vai dar o golpe de misericórdia. Mas não o faz, ^{atônito} retendo, o gesto, ^{final, pra avistar}

~~É que Kyoshiro avistara~~ Sayuri que se aproxima, ~~quase~~ correndo, para amparar no colo a cabeça do cangaceiro agonizante.

O ^{Kyoshiro} japonês, ^{imobilizado pelo susto} atônito, paralizado, compreende tudo, baixa lentamente a espada, ^{quando}

Garcia, antes de expirar, contempla, amorosamente, ^{bela} o rosto da ^{do Sayuri} japonesa, no qual o sofrimento ^{agora} é um traço ^{inesperado} inusitado. Depois deixa tombar a ^{e morre} cabeça, morrendo.

^{Pouco adiant} Perto dos dois, ^{fixado} imobilizado pelo espanto, Kyoshiro crava ^{na moça} na moça um olhar mesclado de ódio e piedade, desprezo e ^{desalento} desalento.

Depois, ~~esvaindo-se também em sangue~~, ferido pelo punhal do cangaceiro, o japonês cambaleia, mas logo se recompõe. Afasta-se alguns metros, acocora-se, à moda oriental, coloca a ponta da espada no ventre, pronto para matar-se.

O japonês, uma vez mais, fita Sayuri, com olhar estranho e profundo. Depois, juntando forças, enfia o aço no ventre e tomba para a frente, morrendo.

Perto dele, afagando a cabeça do cangaceiro, Sayuri é a

exótica e solitária imagem da inutilidade.

Depois a câmara, instalada em helicóptero, começa a subir, lentamente, deixando aquele lugar de sangue e tragédia, onde só uma mulher sobrevive, manchando com sua colorida indumentária a paisagem amanhecendo da caatinga.

F I M

Rio, 30 de outubro de 1985.

Geraldo Santos Pereira
Geraldo Santos Pereira

(Direitos autorais registrados na Biblioteca Nacional).
